

1

ACERVO HISTÓRICO

Este capítulo reserva a você, leitor, diversas sensações que traduzem o panorama histórico em sentimentos. O resgate da história se dá pela memória de momentos vivenciados ou, ainda, ao se ter contato com registros fotográficos, documentos, textos e relatos de fatos que marcaram a instituição. E este contato permite ao leitor a subjetividade da interpretação dos fatos, tornando cada momento observado ainda mais rico.

A história da Polícia Rodoviária Federal se confunde com cada segundo do trabalho dos policiais e servidores da instituição e vai muito além dos limites das rodovias federais. Todos estes momentos formam o maior patrimônio da instituição e alguns desses estão aqui

nas próximas páginas. Em um primeiro olhar, se nota a beleza dos registros; em uma análise mais profunda, a riqueza de cada instante.

Os registros apresentados levantam um mínimo do vasto conteúdo histórico da instituição. Entretanto, fotos, relatos, acontecimentos e biografias trazem implicitamente a energia de cada situação. Por sorte, os avanços tecnológicos permitem que se possa conhecer e, porque não dizer, que se possa vivenciar- mesmo que na fantasia ou na memória- esses fragmentos gigantes da história da Polícia Rodoviária Federal.

Quem preserva sua história, escreve seu futuro!

PATRULHEIRO 01



Filho de um sírio e de uma mineira, da cidade de Mariana, Antônio Félix Filho era um homem de porte imponente. Com seus mais de 1,80m, e embora não tivesse qualquer ascendência turca, ganhou o apelido de Turquinho, pois era comum a confusão entre descendentes de turcos, libaneses e sírios. Daí o apelido.

Ainda adolescente, Antônio Félix viajou para a Síria, guiado por seu espírito aventureiro. Queria conquistar novos horizontes, indo em busca da parentela paterna. Como não conseguiu encontrar os familiares, atravessou duros anos naquele país. Segundo seus relatos, passou fome e frio. Dormiu na rua e trabalhava em empregos eventuais.

Cansado das privações, resolveu voltar para o Brasil. Turquinho conseguiu convencer o capitão de um navio para que este o contratasse como grumete, uma espécie de aprendiz de marinheiro, que era encarregado dos serviços mais básicos em um navio. Assim, após quatro anos na Síria, Turquinho retornou ao seu país.

Já adulto, Turquinho, considerado o 1º Patrulheiro Rodoviário Federal, foi chamado para em 1935 organizar a vigilância das rodovias Rio-Petrópolis, Rio-São Paulo e União Indústria. Por haver participado da construção da rodovia, teve acesso a uma cópia do Decreto Presidencial que criava a Polícia de Estradas. O documento é de 1928, mas em 1933 ele percebeu que, na prática, a nova polícia ainda não funcionava.

Morador de Petrópolis, Antônio Félix Filho foi diversas vezes ao Palácio do Catete, sede da Presidência da República, localizada na cidade do Rio de Janeiro,



com o objetivo de cobrar a implantação da Polícia, que futuramente viria a ser a PRF. Não obteve respostas, apesar das idas e vindas.

Até que, cansado de esperar e com a cópia do Decreto no bolso, resolveu comprar uma motocicleta, a alemã Zundapp KS 750, e mandou confeccionar o primeiro uniforme. E, dotado apenas de coragem, revólver particular, binóculo - que servia para identificar motoristas que ultrapassavam na Serra -, e forte senso de altruísmo, começou a patrulhar a rodovia Rio-Petrópolis. Estava nascendo ali o embrião de uma das principais forças de segurança pública do país, a partir da visão responsável e empreendedora de um homem que enxergava à frente do seu tempo.

Encontro com Getúlio – O presidente Getúlio Vargas, acompanhado do seu segurança, Gregório Fortunato, viajavam para sua casa de veraneio, em Petrópolis, quando se depararam com

Turquinho em um dos seus habituais patrulhamentos. O presidente parou para falar com o patrulheiro. Gregório logo questionou Getúlio. “Presidente, quem é esse?”. Getúlio Vargas respondeu: “Esse é o Turquinho”. E o Segurança do presidente perguntou quem pagava ele pra ficar patrulhando ali. Getúlio respondeu que ele não recebia salário, trabalhava de graça. E foi nessa oportunidade que Turquinho questionou o presidente. “Eu tenho aqui o Decreto Presidencial que cria a Polícia de Estradas, e eu quero trabalhar nessa polícia”. Daí, Getúlio Vargas pediu para que ele fosse até o Palácio do Catete, na segunda-feira, para conversar sobre a efetivação da instituição.

Depois da reunião com o presidente, ficou estabelecido que Turquinho teria que treinar uma equipe de pilotos de motocicletas para, finalmente, equipar a polícia e criar as escalas de serviço. Pouco tempo depois, Turquinho voltou ao Catete e informou ao presidente que a

equipe estava pronta. Com a declaração do patrulheiro número 01, Getúlio Vargas importou o primeiro lote de motocicletas Harley Davidson para equipar a nova polícia. E assim começou a história de sucesso da Polícia Rodoviária Federal, que completa em 2018 os seus 90 anos.

